

A Poética da Moda Contemporânea The Poetic of Contemporary Fashion

Lavínnia Seabra, lisag2107@gmail.com
Faculdade de Artes Visuais – UFG e Universo

Resumo: A moda traduz em objetos, imagens, formas e cores a maneira como somos e como vivemos cada época e cada lugar, singularizando algo espetacular. Portanto discute-se neste breve artigo, como um trabalho de moda pode revelar uma poética particular no fazer e apresentar o elemento roupa. Algo não com funções específicas, mas com questionamentos, e análises do que realmente uma peça do vestuário cotidiana pode levantar e provocar nos observadores, que admiram a maneira como determinadas idéias são apresentadas em grandes performances, no caso os desfiles. Desta forma, apresentamos dois trabalhos de *Hussein Chalayan* e *Issey Miyake* que colocam o conteúdo poético em detrimento do produto roupa para a representação do eterno.

Palavras-chaves: moda, poética, Hussein Chalayan e Issey Miyake.

Abstract: Fashion is able to convert the way people are and how people live in each time and place into objects, images, shapes and colors, while displaying a spectacular thing. This essay discusses how a fashion work can reveal a peculiar poetic element while making and exhibiting clothes. As we know, costumes do not have specific functions, but they can provide issues and analyses on what an ordinary outfit can provoke in its observers who admire the way some ideas are presented in big performances like the fashion parades. Consequently, the present text will expose two works (one by Hussein Chalayan and another one by Issey Miyake), which express the poetic contend to the detriment of the clothing product in order to represent what is eternal.

Keys-words: fashion, poetic, Hussein Chalayan and Issey Miyake

1- Introdução

“O sujeito impressionado pela arte faz experiências reais, contudo, em virtude da penetração na obra de arte enquanto obra de arte, tais experiências são aquelas em que o seu endurecimento se dissolve na própria subjetividade[...].” (ADORNO, 1982, p. 300-301). Somos levados a todo o instante a pensarmos como determinadas obras ou objetos são criados e relacionados com a realidade com que vivemos. Portanto é importante salientar que a moda em toda a sua concepção poética se perfaz através de elementos do cotidiano, da arte, do imaginário e, principalmente de uma estrutura regida por leis que podem ser rompidas ou, simplesmente, reelaboradas.

Tentando perceber a arte e a moda como um todo, vê-se que a poética, em sua linguagem mais simples, traz para este universo uma contemplação única. Um desejo tratado e trabalhado como uma coletividade, na tentativa de se estabelecer uma comunicação tanto para quem cria quanto para quem vê. A expressão artística poderia ser compreendida como uma representação da subjetividade, em que intuição e realidade caminham paralelas. Tendo esta compreensão do que é e

do que se pode fazer através da arte percebe-se que seriam, também, por estas e outras questões que o homem, com toda sua sabedoria, busca conhecer, cada vez mais, sobre vários assuntos e, principalmente, sobre o seu eu, para desvendar a particularidade criada através dela e logo, através da moda.

Nesta abordagem, entende-se que o processo poiético pode possibilitar uma grande extensão de resultados que possivelmente permitem acasos ou não. Acasos que não devem ser desprezados, pois, de uma forma ou de outra, podem ser resultados que chamem a atenção e engrandecem o objeto final. Desta maneira, para Passeron a poiética estaria ligada às ações criadoras, que:

... conceitua esse termo poiética, como uma ciência e filosofia da conduta criadora, da criação. Que não se aplica só à arte, mas também a todos os setores em que o homem se faz construtor. “(...) a poiética se ocupa menos dos afetos do artista do que dos leneamentos dinâmicos, voluntários e involuntários que o ligam à obra em execução. Em suma seu objeto é a *poiésis* que põe criador frente a seu projeto e não a *aistésis* que ele pode experimentar em sua ação ou suscitar através dela. (1997, p. 108).

Nesta perspectiva, pode-se perceber que o ato criador faz parte incessante da vida. Uma relação entre o fazer e o perceber o objeto criado. Um objeto com características particulares e, ao mesmo tempo, carregadas de indagações e subjetividades estéticas. Complementando-se a estas indagações, dentro da pesquisa em artes é possível compreender que o objeto e sua concepção visual podem ser embalados pelo sensível, ou melhor, pela percepção estética do outro. Um outro que, particularmente, se manifesta diante da imagem capturada pelo olhar instigado pelas subjetividades imagéticas.

As formas de se expressar podem estar sujeitas a uma infinidade de fatores, como a particularidade de cada indivíduo, a cultura e o próprio cotidiano. Tais fatores podem ser interpretados de muitas maneiras. A imagem ou o objeto por meio dos quais se insere alguma informação, ou seja, nos quais se concebe uma forma de expressão visual, podem possuir algumas variações, tanto na estrutura quanto no conteúdo. Neste sentido, Martine Joly, afirma que “as imagens possuem discursos que, informam sobre as relações, as expectativas e os receios que mantemos sobre esses próprios discursos”. (2002, p. 19). Estaríamos diante

de algo que é o reflexo do que se vive e como as relações sociais são estabelecidas.

Na realidade, a imagem possui muitos significados que, às vezes, podem até confundir aquele que a observa e tenta, de uma maneira ou de outra, compreender o seu significado. Tanto o artista ou designer quanto a obra possuem particularidades que só se decodificam a partir da obra ou o objeto finalizado, ou seja, os significados e sentidos abstratos, antes expressos em linhas, cores ou formas, se tornam reais. Uma realidade que pode simplificar sentimentos, situações ou assuntos que dizem respeito à cultura, à sociedade, à política e a vários outros fatos.

As imagens articulam o mundo da nossa experiência, mas as diferenças de estilos e linguagens não se interpõem necessariamente no caminho das respostas e descrições. Para o historiador de arte, Ernest Gombrich existem características que sistematizam os significados e as mensagens transmitidas pela imagem.

Nem a subjetividade da visão, nem o império das convenções, podem levar-nos a negar que tal modelo possa ser construído com o requerido grau de exatidão. O que é decisivo aqui é, claramente, a palavra 'requerido'. A forma de uma representação não pode estar divorciada de sua finalidade e das exigências da sociedade na qual a linguagem visual dada tem curso. (1986, p.78).

Isso tudo possui uma dinâmica diante de nossos olhos. Muitas características possibilitam a sistematização dos processos de sua construção. Observador e artista constroem uma ação de significados visuais que dão vida à imagem. Nas artes, todo o processo de construção pode variar entre uma realidade ou uma imaginação. Ora as imagens são reais ora elas são ilusórias. Há muito, arte e moda têm caminhado juntas. Para a curadora de Arte Contemporânea do Museu de Arte em *Fort Lauderdale*, na Flórida, Ginger Gregg Dugan:

Em muitos pontos ao longo da história, arte e moda compartilharam uma relação simbiótica, na qual cada disciplina inspira, incentiva e compete com a outra. Já na década de 1910, colaborações entre artistas e *couturiers* reforçaram essa conexão, a ponto de diluir criativamente o limite entre os mundos de arte e moda. (2002, p.3).

A moda pode ser, além da expressão individual do *designer*, a própria expressão de um grupo ou de uma cultura. Neste sentido, a similaridade entre arte e moda se faz a partir do momento em que as duas se articulam da mesma maneira, ou seja, tanto artistas quanto designers possuem um mesmo ideal – construir o original, dar forma a um objeto que será admirado, único e, talvez espetacular.

2 - Poéticos Designers

Neste caminho do único e verdadeiramente vibrante é de fato, que ao nos depararmos com objetos inusitados, somos levados a um outro mundo e espaço. Lugares imaginados e articulados por designers artistas que hibridizam em suas idéias, formas e conteúdos visuais estéticos deslumbrantes que instigam os sentidos e os pensamentos mais subjetivos. É através deste caminho que os dois designers que serão descritos ao longo deste artigo, trazem em seus trabalhos imagens de uma realidade onírica, totalmente contagiante e insólita.

Os adjetivos anteriores são simplesmente o começo da descrição que podemos denotar ao trabalho de um dos designers, no caso aqui, começamos com o designer japonês Issey Miyake, que articula possibilidades inusitadas sem perder o elemento de inspiração, como na instalação apresentada em Florença, na Itália, na galeria vermelha e dourada do *Palazzo Pitti*, em outubro de 1996. Segundo o fotógrafo Irving Penn citado por Laurence Benaim:

O trabalho foi uma das mais modernas apresentações visuais da primeira Bienal de Arte e Moda, cujo confronto transforma-se em guerra de egos. Mesmo imóveis, seus camaleões plissados parecem dançar em pé, em frente aos “preguiçosos” da Orsi. A obra não é aplicada sobre a roupa, ela a revela como uma luz no espaço, sépia sobre o fundo laranja, amarelo elétrico. Uma energia particular se libera. (1999, p. 16).

Issey Miyake é um dos maiores exemplos de designers, cujos trabalhos se mesclam entre as possibilidades reais e subjetivas tanto da moda quanto da arte. Neste sentido, consegue transpor para suas criações expectativas que convergem

para construções visuais e imaginárias tanto para quem contempla quanto para quem concebe.



ILUSTRAÇÃO. I. “Issey Miyake Espetáculo de *Bodyworks*” - 1983.

O trabalho de Issey se mistura à efervescência do contemporâneo. Uma mesclagem de verdades e alusões à uma realidade perfeita repleta de combinações poéticas e estéticas. Seu trabalho não é simplesmente roupas para serem consumidas e guardadas em grandes *closets*, mas objetos de contemplação. O trabalho acima é a representação perfeita de como este designer trabalha o conteúdo em detrimento da peça do vestuário. Entretanto o corpo é o suporte ideal para a apresentação da idéia final de um trabalho exposto em uma galeria de arte e que nos traz a um outro universo, onde moda e arte se hibridizam para a finalização de uma subjetividade. Segundo Miyake, “com espírito e modéstia, faço apenas a metade do caminho”. Quem usa minha roupa percorre a outra metade”. E para Irvinn Penn, fotógrafo que acompanha o trabalho deste designer artista, “as raízes pessoais de Issey Miyake penetram profundamente em sua cultura. Há sombras das guerras, ecos da mitologia e vestígios dos mistérios do antigo Japão”(1999, p. 15).

Em sua obra os Camaleões parecem flutuar em um espaço único e onírico, algo que confunde os olhos e a percepção que, aguçada pode transbordar-se de

alegria e tranqüilidade. Idéias que, com certeza só são finalizadas através do sentir a obra em seu mais puro significado. Uma idéia concebida pelo criador que poeticamente constrói a idéia, mas permite ao simples receptor interpretar a subjetividade pensada e articulada em materiais diferenciados do cotidiano, a roupa.

Todo o trabalho de Issey pode traduzir uma moda contemporânea sutil sem nos assustar ou nos interrogar. Podemos sentir sua história, sua cultura, cujas peças amassadas, amarradas ou, simplesmente, moldadas são o reflexo de suas experiências, de suas verdades. Contudo, estamos em territórios livres para explorar nossas experiências. Neste sentido, é que segundo a doutora Rosane Preciosa afirma que “[...] Diante de um objeto estético, o importante é estar aberto à potência que aquele objeto singular tem de produzir algo em nós profundamente transformador, desformatador, que rasgue nossas vestes habituais e rasure nossas frases feitas”.

Na moda somos levados a refletir sobre algo que para alguns pode ser o ideal e para outros pode ser, simplesmente objetos de contemplação visual. Algo inesperado ou singularmente incomum. Nesta fronteira entre o significado e a imagem, podemos aludir-nos às nossas próprias interpretações, pois como já discutimos, estamos em espaços livres de pensamento e percepção. O trabalho de Miyake é indissociável do *wabi* (ferrugem ou zinabre) e do *sabi* (estética do inacabado). Assimétrico, amassado, torcido, dobrado – tudo feito à mão, ele celebra tudo com sutileza e não hesita em importar quadriculados exóticos de Bali ou em utilizar lã da Irlanda em mantôs que lembram as gravuras da época Edô. Toda sua criação poética mistura o passado, presente e futuro, instigando nossas mentes e pensamentos.

Nesta mesma vertente, do espetacular, outro designer que nos remete à busca incessante pelo inusitado e experimental é o britânico Hussein Chalayan, que se desdobra em formas, materiais e a própria experiência para propiciar um encantamento tecnológico em seus objetos vestíveis. Seus trabalhos possuem uma preocupação em destacar as experimentações estéticas baseadas em criações inimagináveis e que, de uma forma ou de outra, questionam ou

apresentam propostas que se relacionam com o cotidiano. As imagens, a seguir, referem-se à apresentação performática de um desfile da coleção de inverno de 2000, cujo objetivo era mostrar a roupa não somente com a função de proteção ou de pudor, mas a idéia de multi-funcionalidade em que a saia ou qualquer outra peça da coleção pudesse ser utilizada de outras maneiras e ao, mesmo tempo, fosse objeto de desejo e contemplação. Parece estranho, mas a idéia pode remeter a vários significados e, além disso, aos olhos de quem cria, pode ultrapassar uma realidade próxima de nosso cotidiano. A roupa neste contexto é um elemento de emoção. Para McRobbie o trabalho de Chalayan é muito particular:

É uma moda de idéias ou design que realça a importância da experimentação e inovação. Considerando completa liberdade criativa e a licença para experimentar é possível somente quanto ao esforço do estilista não é influenciado por exigências do mercado, faz sentido que este tipo de designer esteja alheio ao grande negócio da moda. Como resultado, esses designers alinham-se com o fino e as artes de performance, gabando-se de prover liderança ao resto do mundo da moda. (1998, p. 48).



ILUSTRAÇÃO. II. Coleção Arquitetura, outono/inverno 2000 de Hussein Chalayan – performance cuja saia de madeira surge de um objeto do cotidiano - uma maleta.

Muitos trabalhos de moda possuem como característica principal a preocupação com o não convencional, apesar de, às vezes, existir a intenção de mostrar a sensibilidade do *designer* através da roupa ou de qualquer objeto que

possua em si particularidades muito específicas. Neste sentido, a arte é um elemento que se faz presente e alicerça em grande parte dessas propostas visuais cujas formas, materiais e conceitos se materializam. A roupa não é vista simplesmente como elemento de proteção ou diferenciação. Este objeto significa muito mais do que puramente decoração. Sua representatividade simboliza o corpo em sua forma de ser e parecer no mundo.

3 – Reflexões

A roupa-arte pode ser um objeto que propicia o fascínio e a representação de um outro olhar diante da vida e de sua realidade. Na busca por algo que traga uma possível originalidade, as idéias e as imaginações se distinguem, pois da subjetividade pode-se trazer uma realidade, racionalizada por um sistema de significados lógicos e claros. Com uma variedade de conceitos reais em paralelo com subjetividades advindas da imaginação, é possível afirmar que o ato criador ou o processo criativo constroem uma particularidade. Particularidade na forma da extrapolação, da experimentação e da percepção, ações que, também, contribuem para que o conceito de criatividade seja amplo.

O processo que dinamiza um mecanismo criativo pode estabelecer-se de várias maneiras. Nessa construção, cuja criatividade é uma das âncoras na concepção do inusitado, é possível determinar que o ritmo dado aos procedimentos da pesquisa poética estabelece o diferencial no mecanismo de concepção artística. Esta concepção pode partir das práticas intrínsecas ao ser humano, o sentir e o perceber aquilo que o norteia e o faz pensar. Aqui, faz-se interessante a colocação de Merleau-Ponty a respeito do sentir:

O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção. Isso ocorre porque ele se dá ao mundo inteiramente pronto, como meio de todo acontecimento possível, e trata a percepção como um desses acontecimentos. Por exemplo, o filósofo empirista considera um sujeito X prestes a perceber e procura descrever aquilo que se passa: existem sensações que são estados ou maneiras de ser do sujeito e que, a esse título, são verdadeiras coisas mentais. [...] a percepção não se apresenta como um acontecimento no mundo ao qual se possa aplicar, por exemplo, a categoria de causalidade,

mas a cada momento como uma re-criação ou uma re-constituição do mundo. (1999, p.279).

Tomando a idéia do autor como um princípio no processo da concepção criativa, é possível estabelecer que o sentir e o perceber o mundo se fazem fundamentais na dinâmica artística. Entretanto, tanto a forma de expressar-se quanto a forma de construir se realizam através desta percepção, ou seja, da sensação de ver o mundo e a natureza em suas plenitudes. Contudo o processo de construção artístico se realiza porque se está diante de um fato em que arte e vida caminham juntas. Nesta abordagem, a arte, talvez, não possuiria uma significação plena se não fosse considerada ação através do viver. Desta mesma maneira, a moda não seria uma representação do ser se não estivesse ligada às verdades idealizadas ora por um sistema ora por um jogo de regras pré-estabelecidas.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Tradução de Arthur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1982.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. Tradução de Denise Bottmann e Frederico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992

BÉNAIM, Laurence. **Issey Miyake**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo. Cosac Naif Edições, 1999.

DUGGAN, Ginger Gregger de. O Maior Espetáculo da Terra: Os Desfiles de Moda Contemporâneos e sua Relação com a Arte. In: ANDRADE, Rita de (org.). **Fashion Theory – A Revista da Moda, Corpo e Cultura**. Edição Brasileira. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2002. p. 04-30.

GOMBRICH, Ernest. **Arte e ilusão. Um estudo da psicologia da representação pictórica**. – São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JOLY, Martine. **A Imagem e a sua Interpretação**. Tradução de José Francisco Espadeiro Martins. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002.

MCROBBIE, Ângela. **British Fashion Design: Rag Trade or Image Industry?** Londres: Routledge, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PASSERON, René. Da Estética a Poiética. Porto Alegre: Porto Arte. **Revista de Artes Visuais**, n. 15, v. 8, 1997.

PRECIOSA, Rosane. **Produção estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida**. São Paulo: editora Anhembi Morumbi, 2005.

Sites:

<http://www.husseinchalayan.com/>

<http://www.isseymiake.com.jp/>

Currículo Resumido

Lavínnia Seabra. Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais – UFG.
Professora do curso de Design de Moda da UFG e do curso de Moda da Universo.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.